

Autor: Viviana Maggio<sup>1</sup> – Escuela Freudiana de Buenos Aires

Título: Artíficios da Clínica diante da Gravidade. Arte, Restauração e Psicanálise.

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

---

Em este texto relatarei fragmentos do que intitulo **Antologia da vida em Artífício**, onde não se trata do que é da ordem daquilo que se quer dizer, mas do que é da ordem daquilo que empurra para se deixar produzir.

Uma jovem de 15 anos, com nome de contos de fadas, se desliza pela vida sem encontrar um lugar, sem feitiços de bruxas. “Suja ou rompe tudo o que faz” – falam os que a conhecem. “O que eu sei fazer, não serve com ela - se desespera a professora da oficina da voz. “Às vezes se nega a vir, outras vezes quer estar só comigo”. Depois de uma semana sem a oficinista poder assistir, lhe conta à jovem que tinha estado MUDA! Então esta lhe grita: “bruxa, oxalá você tivesse ficado por sempre assim”.

“Tal vez possa fazer algo com outra coisa, mas com a voz, que é parte de um...” (ela repara<sup>2</sup>, em base a um saber sobre a sua profissão, que a voz é um objeto e que não é fácil, nem por acaso que temos essa possibilidade de observá-la, de ouvir nossa própria voz).

Porém, descobre que, **imitando, sua aluna pode**. Fala para ela colocar “voz de cabeça” e ela a imita. Então, a professora **ecoa sua voz** e aí a jovem enlouquece. “Ficou com raiva, me bateu, não podia pará-la”. Um dia, sua aluna se entusiasma com a mudança de voz. “Voz de brinquedo” – diz, rindo divertida. Brincam com tonalidades e timbres. A voz é agora um brinquedo, com o qual pode jogar. A oficinista nos adverte: “este é um **trabalho mais musical do que vocal**” (**bem-vinda a musicalidade que oferece o seu**<sup>3</sup>). “Se ri quando se escuta falar em falsete,

---

<sup>1</sup> Autora e diretora clínica de Artífício, ONG de assistência e pesquisa em “Problemáticas graves de la niñez y la adolescencia, Intersecciones de los campos del Arte, la Restauración y el Psicoanálisis”, criado no ano de 2001, na cidade de La Plata, província de Buenos Aires. E-mail: [artificiolaplata@yahoo.com.ar](mailto:artificiolaplata@yahoo.com.ar)

<sup>2</sup> Trata-se da cantante Marcela Mauggeri, amiga pessoal, a quem agradeço sua companhia na construção de Artífício, e do artífício para cada qual, com a qualidade, a riqueza de sua arte e da sua pessoa, para colocar sua disposição em lidar com o horror. Também lhe agradeço pelos ensinamentos que sua arte, seu “saber fazer” nos proporciona.

<sup>3</sup> A respeito desta colocação são bem-vindas as contribuições de José Berardozi, no seu livro “El Tiempo y el Sujeto, función de la sincopa”, Letra Viva Editorial.

acha engraçada essa voz que diz que não é a sua". ( Será que por meio do jogo e do riso possa experimentar essa dimensão da ficção que requer o encontro com o trabalho vocal? Algo do objeto voz parece se recortar). Um dia em que brincavam com graves, agudos, a jovem vai até a janela, se envolve na cortina e lhe canta: "sou o fantasma da opera e vou te matar". "Não, não, eu não posso, não". Um achado. A oficina me relata: "Cantamos o não, de mil maneiras, um verdadeiro trabalho com a voz. Porém, geralmente não quer cantar. Quando vou sem expectativa, me surpreende, quando deixo de pôr o foco nela" (será que é necessário perder o foco, para que sua voz apareça? Como lhe explicar à oficina, cuja intenção - acorde com o objeto do seu trabalho - é "que essa voz tome corpo" (nas suas palavras) que o que acontecia era mais do que satisfatório? Ou seja, que a jovem pudesse lhe expressar seu desejo dela emudecer, que pudesse brigar com ela, se afastar e voltar a se aproximar, reclamar um espaço para ela sozinha, se estranhar diante daquela que não reconhece como a sua própria voz, se ocultar na cortina e que esta tornara-se corpo e emitisse sua própria voz, que lhe permitisse modelar o espaço entre ela e o outro, se subtraindo, a partir desse achado, a seu olhar, tornava-se em tarefa bem sucedida. Sobretudo neste caso, em que a relação entre o próprio corpo e a imagem está profundamente perturbada. E não é pouca coisa o gozo que esta artista coloca em cena nos distintos modos de ir ao encontro do seu objeto e pesquisar os efeitos, a partir de seu fazer<sup>4</sup>. Em sessão com a sua analista, a jovem conta que sua mãe não deixa de repetir o tempo todo "as duas somos iguais, igualzinhas, tratáveis, mas não curáveis". Mas agora ela sabe que as duas não são a mesma coisa. A bruxa já não podia confundi-la e lhe roubar a voz, já não está temerosa e aclarando que os cheiros que há no ambiente não são os dela, nem "raivosa" o tempo inteiro.

A partir de outro artifício e mudança a uma casa mais espaçosa<sup>5</sup>, uma história de fantasmas toma forma na oficina de áudio-visual<sup>6</sup>. Uma família composta por um

---

<sup>4</sup> Faz parte do trabalho de Artifício pensar /interrogar as "cenar cotidianas" que mostram o artifício de cada um, e para isso, uma vez por semana, nos reunimos todos os integrantes da equipe: artistas, psicanalistas, médicos, enfermeiros, assistentes lúdicos etc. Também realizamos um Seminário mensal com convidados externos. Diferentes Outros a quem cedemos a palavra..

<sup>5</sup> Em maio de 2007, o Artifício se muda a outra casa mais espaçosa, depois de cinco anos de se localizar na casa onde nasceu o projeto. São múltiplas as situações nas que podemos ler os efeitos dessa mudança em cada um dos artífices. Hoje podemos dizer que si o "corralito" (a forma em que foi chamada a crise econômica na Argentina desse período) não conseguiu encurralar o crescimento

pai polícia, dois filhos e avós chega a habitar a casa. O ator assiste aos ensaios trazendo vestuário de polícia, incluindo a arma que mostra ao restante dos seus colegas de cena e que fará a sua personagem ser quem é. Durante o tempo que a filmagem do corto metragem dure se o verá ocupado em ter sua roupa pronta e bem arrumada e a arma bem lustrada. “É roupa verdadeira” –afirma, da mesma forma que o faz respeito à arma, a qual engana até à pessoa mais experta, gerando preocupação ao seu redor. No entanto, isso não é o mesmo do que um sujeito circule deslocado (vítima de uma letra deslocada) mostrando o falido da introdução do falo na estrutura, comprando armas em lojas de fantasias ou realizando práticas numa escola federal de Tiro, onde fala que ele trabalha (e devemos acreditar nele, embora faça ali um trabalho infrutuoso), o que chegue falando (relato não por duvidoso menos real) sobre ter recebido golpes no estômago e vômitos de sangue por defender a um amigo (o outro lado da moeda da esterilidade da polícia, rastro do horror sem transformação). Não é o mesmo que, já no trabalho de captura do pulsional pelo objeto estético, escreva (e aqui a arte como escrita e a pergunta possível sobre o laço entre o traço e a escrita<sup>7</sup>) sobre um policial/chefe de família no roteiro do corto metragem de ficção e possa vesti-lo formando parte da cena.

Também não carece de relevância que seja motor da realização de um documentário, através do qual investigue sobre a tatuagem e onde mais do que elaborar perguntas para documentar a informação, e já na rodagem da cena, interpele a seu entrevistado, passando sutilmente para um interrogatório policial, velado pelas perguntas armadas no marco do formato que escolhe para “fazer”/produzir. Mais do que dizer, faz o seu, letra que não recorta um gozo de saber<sup>8</sup> e não se dirige a ninguém, mas insiste, pulsa a deriva para o “fazer” sobre a marca/tatuagem e sobre a técnica que utiliza o experto, quem se supõe domina essa arte e os cuidados consequentes “para não cair em quadros de septicemia”, um modo de fazer com seu risco permanente.

---

de Artificio, nos tempos de sua gestação, não iríamos tampouco a perecer ali onde se tratava de fazer lugar às transformações para um futuro para além do que qualquer um teria podido imaginar. Fica como responsabilidade nossa pensar e trabalhar com esses efeitos.

<sup>6</sup> Oficina coordenada por Jeremías Martínez, Diretor de Cinema, Vídeo e TV.

<sup>7</sup> Hector Yankelevich,

<sup>8</sup> “En la psicosis el sujeto vivencia el significante que no recorta una letra para hacer apariencia de esa falla de la existencia donde no hay ser sin lenguaje” Daniel Paola, “Lo incorpóreo”. O autor

Sábado a sábado ocupa, ainda, seu lugar no Programa de Radio<sup>9</sup> com colegas<sup>10</sup> de artifício e, acorde ao trabalho preparado para a saída ao ar, escolhe um comentário sobre os carros seqüestrados em delegacias. Aqueles que a polícia desarma e passam a formar parte de um cemitério de carros “sem se importar pelos danificados” - destaca. Para cada programa ele e seus colegas escolhem a música que dará o clima aos comentários que dirigem para seus ouvintes. Trabalho para o qual deve-se colocar o corpo (investir). E dá seus frutos, trabalho de escrita, transformação da matéria prima, trabalho de invenção, efeito de gozo, não de sentido. Será que se trata de rastros a - semânticos que tentam, pela via da invenção, se escrever de um novo modo?<sup>11</sup>

Sua colega de cena, a “filha” no corto metragem de ficção, trabalha enquanto sem descanso, para se defrontar com o circuito arma-rompe-arma-desarma ao infinito. E nos advertimos, já desde o tempo da escrita do roteiro, que - nessa história familiar - há pai vigilante, mas não há uma mãe que ocupe um lugar<sup>12</sup>. Há sim uma filha, quem já na rodagem o oficinista observa que “seu corpo parece outro. Deixa de tremer e adquire uma segurança e uma presença na imagem fílmica, que surpreende a quem conhecia à jovem”.

Na sua chegada, os pais relatam a gravidade do circuito de ingerir e expulsar alimentos até a internação da jovem com 32 Kg e de uma calça, já quase destruída pelas suas mãos, que cortavam e uniam suas partes. Calça - vara da medida do seu peso - a qual trará para sua restauração à oficina que faz daquilo um ofício. Também chamam a atenção sobre um tio paterno da jovem que era esquizofrênico - “a mancha da família” - a quem o pai tinha tentado resgatar das garras da sua mãe sem sucesso. A vara da medida deste pai para com a sua filha não faz mais do que deixá-la colada a essa calça/irmão, já sem concerto.<sup>13</sup>

---

desloca (e não é orientador) a questão do diagnóstico à pergunta pela relação com a letra e o que aquilo abre como panorama em relação à clínica.

<sup>9</sup> Oficina de radio conducida por Marcelo Rabellini.

<sup>10</sup> Artifício é ainda o do laço ao semelhante, com todas as complicações que aquilo coloca em jogo.

<sup>11</sup> En esta dirección nuestro apoyo en la tesis de Diana Giussanni, desplegada en seu livro *Del “Más allá...” y el último Lacan, La peste freudiana*, i rojo editores. 2006

<sup>12</sup> Não por acaso se lhe dá um lugar de fantasma na ficção.

<sup>13</sup> Literalmente, entre u cosas, “bate” nela cheio de ira. O que motiva denúncias da sua filha em distintas oportunidades.

No artifício das artes plásticas<sup>14</sup>, a jovem suja e “mancha”. Sendo colocada a fazer cerâmica, instala o circuito arma/rompe, sem forma que a sustente/ sem corpo para que a peça possa se colocar de pé. Como vemos, algo insiste – sem sucesso - a se deixar recortar (ambos movimentos pulsam ao uníssono armado/desarmado) e o objeto a emergir: a peça a se sustentar, a mancha a se tornar imagem pictórica. A oficinista a convida a trabalhar com a técnica do esfumado. Tal vez esse fosse o modo de permitir que a luz começasse a fazer o seu. E se há luz, há buraco por onde ela possa se filtrar e iluminar/armar corpo ali onde a imagem possa se recortar e o objeto da pintura se deixar produzir/escrever. Assim, o pulsar do acento se desloca, **na vida cotidiana**, às extensões que realiza no seu cabelo, extensões infinitas que terminam num cabelo destorcido – outro sinal de um trabalho infrutífero. **Na vida em artifício**, ao objeto da cerâmica. Ceramista era uma tia avó que tinha sido uma avó/mãe para ela. Este objeto irá tomando paulatinamente a consistência necessária para as peças que se deixam cozer delimitar o vazio<sup>15</sup>. A partir disso, irá fazendo ofício e nome de Ceramista, apesar de que sua mãe chama a atenção para “falta de destreza dela, que faz que rompa em um instante o que tanto lhe custou armar”. Também o artifício da escrita literária<sup>16</sup> lhe permite deixar um relato sem intitular:

Conceição fala para o seu marido, Barros:

-¿Dois?

-Dois o que? - responde Barros.

-Se você quer duas colheres de açúcar.

- Será que sempre deva te lembrar a mesma coisa? Três colheres- destacou Barros com tom fastidioso.

Personagens, um por um, e enquanto Conceição sai a passear com uma amiga para mudar o clima da casa, Barros vê sua casa suja, chá e migalhas jogadas no chão. Percebe-se ele também desleixado, sua calça com furos e seus sapatos com lama! Decide arrumar o ambiente e preparar um tira gosto para a sua mulher. Conceição não chega e o tempo torna-se eterno. Coloca-se roupa moderna e perfume novo até a chegada delas. Tomam o tem-te-em-pé. Relato que não constitui

---

<sup>14</sup> Oficina Plástica en 2D, Gabriela Victoria, Artista Plástica.

<sup>15</sup> “En el lenguaje del ceramista”, oficina a cargo da Artista Plástica Julieta Roark

<sup>16</sup> Oficina a cargo da Escritora María Luz Maggio

metáfora, porém permite, por meio da Conceição, furar a calça, transformar a lama/ barro em perfume e mudar o clima da casa. Se o pai a cola ao barro e não a coloca em um lugar diferente ao irmão dele doente, nem faz três (no que se refere à lei) e a mãe não desejou ter outra filha, a jovem realiza Conceição na escrita, faz Barros, três e tem-te-em-pé. Conceição, quem não é letra comandada pelo significante, mas que até esse momento se materializava no ato de encher e esvaziar, armar e desarmar, cortar e costurar ao infinito, letra deslocada que se faz sentir, não pode fazer corpo nem suporte ao devir metafórico. Tal vez agora possa se tornar escrita no corpo /apagando o rastro através da conceição do objeto estético. Na imagem pictórica, através do esfumado, na imagem fílmica, impecável, na cena do corto metragem. No relato literário, ao encontro do tem-te-em-pé e no armado do corpo com o barro, no meio do buraco, barro que não é o que suja, mas o qual permite construir o objeto da ceramista. Todo um esforço que vale a pena sustentar.

A poesia produz realidade, não ficção, nos fala o poeta<sup>17</sup>. Artificio, artifícios de por meio, toda uma prática que, como expressam os artistas tomados pelo gozo de sua arte, já não podemos renunciar.

---

<sup>17</sup> Roberto Juarroz